

«Um dos livros mais emocionantes que vais ler este ano!» *Bookseller*

**BENJAMIN DEAN**

**EU,  
O  
MEU PAI  
E O FIM  
DO  
ARCO-ÍRIS**

THE DIVERSE BOOK AWARDS Vencedor Melhor Livro Infantil

WATERSTONES Nomeado Melhor Livro Infantil



«Um livro radioso e divertido,  
que aquece o coração. Adorei!»

ALICE OSEMAN,

AUTORA DA SÉRIE HEARTSTOPPER

booksmile



## CAPÍTULO 1

# ALGUNS SEGREDOS PARA CONTAR

Então, estás na livraria a ler isto, certo? Ou talvez tenhas acabado de desembrolhar este livro, que recebeste pelo teu aniversário, à frente de todos os teus amigos, e folheaste-o rapidamente até à primeira página, para perceberes que tipo de história aqui vais encontrar. Bem, podes fazer-me um favor antes de começarmos? Preciso que espreites por cima do teu ombro. Do ombro direito ou do ombro esquerdo, não importa qual. Mas eu preciso que espreites por cima de um deles e te certifiques de que não está ninguém atrás de ti. Se há algo que sei sobre as pessoas é que elas são muito curiosas e, com isto, quero dizer que gostam de meter o nariz onde não são chamadas.

Muito bem, o caminho está livre? Boa, porque estou prestes a contar-te alguns dos meus segredos mais secretos e não quero uma pessoa qualquer a lê-los.

Mas, antes de te contar os meus segredos, tens de PROMETER que não os contas a ninguém. Nem a uma única pessoa. Estou a falar a sério! Isto tem de ficar entre nós, está bem? E, provavelmente, é melhor que os teus pais não saibam que estás a ler este livro. Não quero que eles pensem que te estou a dar más ideias. Este livro é uma pequena aventura, claro, mas não quero que arranjes sarilhos.

Já agora, sou o Archie. Archie Albright. Dizia-te o meu nome do meio, mas ainda não confio *assim* tanto em ti. Talvez mais adiante.

Certo. Então, o primeiro segredo. Meço um metro e quarenta. Sim, disse à Amber Patel que tinha um metro e quarenta e cinco, e sim, menti. Mas achei que ela não queria ser minha amiga se lhe dissesse que tenho um metro e quarenta, porque o Kyle-Homem-das-Cavernas mede exatamente um metro e cinquenta e dois, e toda a gente quer ser amiga dele. Para ser franco, nem sei bem porque é que a primeira coisa que eu disse à Amber Patel foi «Olá, tenho um metro e quarenta e cinco», mas já não posso retirar o que disse.

Felizmente, os meus dois melhores amigos do mundo, o Seb e a Bell, sabem quanto meço e não usam isso contra mim. Na verdade, eles sabem todos os meus segredos, até aqueles que me custam admitir a mim mesmo. Nós os três somos melhores amigos há um ano, depois de a Bell ter chegado à nossa escola, vinda de uma escola «lá no Norte», como diz o pai.

Antes de ela vir para Vale Gate High éramos só eu e o Seb, a disparatar juntos pela vida. Fico feliz por sermos três, agora.

O segundo segredo é, basicamente, o motivo que me leva a contar-te tudo isto. É importante para a história, mas até me encolho só de pensar nisso. É que a minha mãe e o meu pai parecem odiar-se. Tentam fingir que não, quando estou por perto, mas não são muito bons a disfarçar. Os adultos adoram achar que nós, os miúdos, somos burros, mas, grande parte das vezes, sabemos mais do que julgam.

A mãe e o pai nem sempre se odiaram. Na realidade, já foram apaixonados um pelo outro, embora agora não se consiga perceber isso. A minha avó diz que eles se conheceram no vigésimo primeiro aniversário do pai, quando ele ainda tinha um cabelo afro gigante, do qual gostava mais do que de qualquer outra coisa no mundo. Quando ele tentou dizer olá, tropeçou e entornou a bebida vermelho-sangue no vestido da mãe, que era branco e novinho em folha. Eu cá acho que isso parece mesmo algo que o pai faria. Ele consegue ser um perfeito desastrado.

A mãe é aproximadamente trinta centímetros mais baixa do que o pai, mesmo quando está em bicos de pés. Mas, em todas as fotografias que juntaram ao longo dos anos, ela parece ainda mais baixa, graças ao cabelo afro do pai. Naquela altura, a mãe usava roupas que lhe faziam os ombros maiores e o cabelo caía-lhe em

cachos castanhos em torno do rosto, emoldurando-o como a uma fotografia. Agora está sempre preso, porque ela acha que a atrapalha se não for assim.

Embora a mãe ainda se pareça um pouco com as fotografias que guarda nos álbuns de família, o pai não podia estar mais diferente. Rapou o cabelo no ano em que eu nasci. Costumava dizer que lhe tinha caído por causa do stress, uma piada que fazia a mãe rir independentemente de quantas vezes o pai a contasse. Agora também usa óculos, mas apenas quando lê e não sempre, como devia, algo pelo qual a mãe lhe ralha, porque a vista dele só vai piorar. Costumava ralhar, vá. Agora já nem tanto.

Enfim, estavam apaixonados e agora já não estão. Embora o pai se tenha mudado e eles pouco falem, a menos que seja sobre mim, a avó diz que no fundo, lá bem no fundo, ainda se amam, e eu também acredito nisso. Ainda estou a habituar-me a este novo e estranho normal, mesmo que às vezes sinta que uma nuvem carregada flutua sobre a minha cabeça. Vejo o pai a toda a hora, nas nossas idas semanais ao salão de jogos e nas noites de videojogos, mas, ainda assim, o meu coração sobressalta-se quando ele me deixa em casa e se vai embora para a sua nova casa.

O último segredo que tenho de te contar é algo realmente importante, por isso espero poder confiar em ti para que o guardes contigo.

O que aconteceu a seguir foi tudo culpa minha.

Obviamente, o Seb e a Bell tiveram uma palavra a dizer sobre o assunto, mas a ideia foi toda minha e eu arrastei-os para ela. Eles só apareceram porque são os meus melhores amigos e é isso que os melhores amigos fazem. Nem sequer foi culpa do Oscar ou do Dean, embora o pai e a mãe discordem sobre esse ponto específico. Se tenho uma crítica a fazer aos dois é a de que deviam ter prestado mais atenção. Mas acho que também os arrastei para toda esta confusão. Por isso, sim, assumo a culpa por tudo. Bem, quase tudo. Precisava só de deitar isto cá para fora.

Deves estar a perguntar-te sobre o que é que estou a falar e, para ser honesto, não sei se estou sequer a contar muito bem esta história. Por isso, acho melhor voltar ao ponto em que tudo começou, porque esse parece ser o momento óbvio para começar uma história. Foi a meio da noite — a sério que foi, não estou apenas a dizer isto para aumentar a carga dramática — e, de repente, apercebi-me de que as coisas estavam a começar a ficar um pouco estranhas.



## **CAPÍTULO 2**

### **UM COMEÇO ESTRANHO**

Sabia que algo estava errado. Não me perguntes como sabia que algo estava errado, mas tinha essa sensação. Era quase como se a Terra se tivesse inclinado apenas um pouco, mas eu era o único capaz de o sentir e, por isso, era o único que sabia que algo estava, de facto, cem por cento errado.

Tudo começou com um telefonema, mais cedo naquele dia. Normalmente nunca sou eu a atender o telefone, se o puder evitar, mas a mãe e o pai estavam do outro lado da rua, na casa dos Bakers, o que já de si era estranho. Observara-os pela janela, a minha barriga num nó de nervos, enquanto eles caminhavam pela estrada a pelo menos um metro de distância um do outro. Não os via assim tão juntos há algum tempo. O Sr. Baker, que, na verdade, se chama Richard, é amigo do pai, e a Sra. Baker, que, na verdade, se chama

Annette, é amiga da mãe. Não convivo com os Bakers porque acho que são aborrecidos. Contudo, fiquei curioso quando o pai chegou lá a casa sem avisar e a mãe pegou no casaco, dando-me um beijo rápido na testa, à porta de casa. Aparentemente, a ida à casa dos Bakers era apenas para adultos, o que significava que eu não podia ir com eles. Isto só fez ferver ainda mais a minha curiosidade.

Então, o telefone começou a tocar e no início eu ignorei-o, porque falar ao telefone é constrangedor e embaraçoso e, normalmente, nunca são boas notícias. Mas começou a tocar de novo, por isso não tive escolha. Atendi e segurei-o com cuidado ao ouvido, à espera de que fosse engano e que eu pudesse voltar aos meus videojogos. Mas não era engano. Era a Dra. Sammy.

O nome verdadeiro da Dra. Sammy é Ferguson. No entanto, ela não gosta dele e insiste que lhe chamemos Sammy. Ela não é uma *doutora* doutora, como aquelas onde vamos se estivermos doentes. Se eu não estiver bem, a mãe e o pai levam-me ao Dr. Kiligrew. Mas, se formos ver a Dra. Sammy, então é porque algo completamente diferente não está bem.

A primeira vez que fui à Dra. Sammy era pequenino. A mãe e o pai levaram-me porque, quando tinha 4 anos, ainda não tinha começado a falar, e toda a gente estava bastante preocupada comigo. Não me lembro como foi, porque tinha 4 anos e ninguém se lembra do

que aconteceu há tanto tempo. Agora tenho 12 anos e, caso ainda não tenhas percebido, falo demais.

A última vez que fomos à Dra. Sammy foi pouco antes de o pai ter decidido mudar-se. A mãe e o pai já discutiam há algum tempo. Era sempre sobre nada em particular, mas eram discussões intermináveis. Por isso, foram juntos ao consultório da Dra. Sammy, na tentativa de melhorar as coisas. Mas nem sequer conseguiram chegar a acordo sobre isso e, menos de um mês depois, deixaram de ir juntos e disseram-me que, em vez disso, estavam a divorciar-se, o que acabou por dar início a mais uma discussão. A única coisa em que pareciam estar de acordo era sobre ambos quererem que eu também fosse à Dra. Sammy. Assim, levaram-me ao seu consultório. A Dra. Sammy não quis que nenhum dos dois estivesse presente na conversa. Éramos apenas eu e ela numa secretária gigantesca, a falar sobre tudo o que estava a acontecer. Foi estranho e embaraçoso, e incluiu muitas perguntas do género «E como é que te sentes em relação a isso?», mas o facto de eu ir deixou a mãe e o pai felizes — ou mais felizes.

De qualquer das formas, isso foi há quase três meses, daí que tenha ficado mais do que um pouco confuso quando atendi o telefone e ouvi a voz da Dra. Sammy.

— Olá, Archie, é a Dra. Sammy.

— Olá — balbuciei, entre dentes. Tal como disse, detesto falar ao telefone.

— O teu pai está?

— Não, ele está do outro lado da rua, na casa dos Bakers.

— Ah, estou a ver. E a tua mãe, está?

Abanei a cabeça em sinal de negação e depois lembrei-me de que a Dra. Sammy não conseguia ver-me.

— Não, ela está com o pai, e ele está do outro lado da rua, na casa dos Bakers.

— Muito bem, sem problema. Podes pedir ao teu pai para me ligar quando estiver em casa?

— A-hã.

— Sem pressas, só quando ele chegar.

— Está bem.

A Dra. Sammy despediu-se e desligou a chamada. Franzi o sobrolho, mas não voltei a pensar nisso até a mãe e o pai chegarem a casa um pouco mais tarde.

— A Dra. Sammy telefonou — disse eu, desenhando o rosto, enquanto marchava até à cozinha em busca do lanche. Tinha mergulhado a cabeça dentro do armário das batatas fritas e tentava enfiar um segundo pacote debaixo da camisola, daí que tenha sido só quando me virei que percebi que eles tinham ficado paralisados ao ouvir-me. O pai, em particular, parecia estar prestes a vomitar. A mãe começava a corar, respirando de forma bastante intensa.

— O que é que ela disse? — perguntou o pai, ficando mais esverdeado a cada segundo.

— Só pediu que lhe devolvesse a chamada.

O meu olhar foi na direção da mãe para o pai. Eles trocavam um olhar entre si.

— Está bem, querido. Nada de preocupante!

A mãe deu-me uma palmadinha na cabeça — ela faz muitas vezes isso — e conduziu-me para fora da cozinha. Enquanto saíamos, vi o pai pegar no telefone. Mas, antes que conseguisse ver mais alguma coisa, ele fechou a porta, o que acho que significava que não queria que o ouvíssemos.

Esquivei-me para a sala de estar, para esperar pelo pai, porque ele tinha prometido que podíamos jogar *Mario Kart* antes de ir para casa. Era o nosso momento e não percebia porque é que uma chamada com a Dra. Sammy haveria de estragá-lo. Mas, mesmo da sala de estar, conseguia ouvir a mãe a resmungar de si para si, enquanto subia as escadas.

— A aumentar a minha conta telefónica e já nem sequer cá vive — referiu ela, sem se importar com quem pudesse ouvi-la. Fechou a porta do quarto com um pouco mais de força do que o habitual.

Quando o pai finalmente terminou a chamada e entrou na sala de estar parecia... bem, um pouco estranho, como se estivesse atordoado ou hipnotizado por algo que eu não conseguia ver. Deixou-se cair no sofá e cofiava a barba, ausente. Os seus olhos, de um castanho tão escuro que eram quase negros, fixavam atentamente a parede, mas pareciam não ver nada. Contudo, ele despertou quando lhe ofereci um

comando, sorrindo maliciosamente e segurando-o no ar.

— Vais perder, miúdo — afirmou ele, a sua voz profunda e possante, como alguns dos nossos vilões favoritos dos filmes. Fizemos conversa da treta até que o jogo finalmente ganhou vida, trazendo nada mais do que silêncio, enquanto assumíamos a importante tarefa de escolher uma personagem que nos levasse à vitória.

— Como é que está esse fumo?

O pai sorriu, tomando a liderança quando a corrida começou.

— Achas que consegues acompanhar?

Ignorei a sua gabarolice e inclinei-me a par com o meu comando, como se estivesse realmente a conduzir o carro no ecrã, o Baby Mario inclinado comigo, até estar finalmente em segundo lugar, mesmo atrás do Bowser do pai.

— O que é que estavas a dizer? — perguntei, com um sorriso convencido, enquanto deslizava numa curva e ganhava a dianteira quando faltava apenas uma volta.

A corrida estava renhida até que, no derradeiro momento, escorreguei numa casca de banana que tinha deitado fora na volta anterior. O meu carro saiu da pista apenas por um segundo, mas foi o suficiente para o pai me ultrapassar e cortar a meta em primeiro lugar.

— Vencedor! — gritou ele, alegre e convencido. — Não há como venceres o melhor, Arch. Valente batalha,

ainda assim, tenho de reconhecê-lo. Um dia, serás um excelente condutor. Basta teres cuidado com qualquer casca de banana que ande por aí caída.

Deixei tombar o comando aos meus pés e entrei em ação, abalroando o pai até ele cair do sofá e aterrar com um leve tombo no tapete. Sentei-me nas suas costas e abanei as mãos no ar, contando até três. O pai riu-se e fingiu resistir, mas deixou-me ganhar, desistindo. Voltámos a deixar-nos cair no sofá num ataque de riso, exaustos. Apenas mais uma noite descontraída na residência Albright.

Depois, vimos um filme — o pai, enquanto vencedor, escolheu *Top Gun: Ases Indomáveis*, tal como eu sabia que escolheria —, até que chegou o momento de ele ir para casa. Nos Dias de Antes, a mãe teria trazido um banquete de petiscos e ter-se-ia aninhado entre nós, para logo se queixar acerca da escolha do filme e acabar por adormecer no ombro do pai. Por vezes, ambos adormeciam, roncando suavemente ao ritmo um do outro. Não havia qualquer hipótese de que isso acontecesse agora.

Do cimo das escadas, pus-me em sentido e saudei o pai com uma continência, enquanto ele tirava o casaco do bengaleiro.

— Adeus, pai, sargento da Casa Albright e aumentador de contas telefónicas — disse, com a voz mais dramática que consegui convocar. O pai pôs-se em sentido, também, retribuindo a continência.

— Desejo-vos uma boa noite — imitou ele.

Quando se virou para sair, pareceu que algo lhe passara pela cabeça.

— Aumentador de contas telefónicas?

Olhei de forma evidente para a porta fechada do quarto da mãe.

— Ah, claro.

O pai sorriu para si próprio.

— Bem, acho que ela já me chamou coisas muito piores. Estamos combinados para sexta-feira à noite?

Assenti. Estávamos empatados a três na mesa de hóquei aéreo do salão de jogos do Mack. O pai e eu temos lá ido todas as sextas-feiras desde que me lembro. A mãe ficava sempre feliz por nos ter fora de casa por umas horas, para poder enroscar-se no sofá e partilhar uma cusquice ou duas com as amigas, ao telefone.

— Prepara-te para perder. Tenho praticado — disse eu, enchendo o peito.

— Conversa de combate, jovem senhor.

O pai inclinou a cabeça em direção ao quarto da mãe.

— Certifica-te de que ela está bem, sim?

— Claro — respondi, retraindo-me com o pensamento de que ela pudesse não estar.

E foi assim. O pai saiu, a mãe reapareceu e eu fui para a cama a pensar sobre o que teria sido aquele telefonema. Foi por isso que fiquei acordado grande parte da noite, a imaginar o que poderia a Dra. Sammy

querer do pai agora. Sim, havia qualquer coisa errada, mas não conseguia perceber o quê. Era como uma estrutura que, de longe, parece robusta, mas, de perto, conseguimos perceber que lhe falta um parafuso e que pode desabar tudo a qualquer momento.

Pensei que talvez estivesse só a ser parvo, que estava mesmo tudo bem, e que a Dra. Sammy só tinha ligado ao pai para pôr a conversa em dia. Quanto mais pensava no assunto, mais tinha a certeza de que estava tudo bem. *Tinha* de estar. Afinal, há três meses já tivéramos a nossa dose de coisas más a acontecer.

Que mais poderia correr mal agora?



## CAPÍTULO 3

# OS TRÊS AMIGOS

Reunião de pais. É o que podia correr mal.

Com todas as coisas estranhas que estavam a acontecer lá em casa, quase me esquecia daquele que chamaria o pior dia de todo o ano letivo. Bem, é um empate entre esse dia e o Dia do Desporto. Quer dizer, quando se é tão incrivelmente um aluno mais ou menos como eu, a reunião de pais não é propriamente uma noite que desejemos muito.

Para tornar tudo mil vezes pior, a mãe e o pai fizeram os dois questão de ir. À primeira vista, isto não era propriamente estranho. Afinal, desde que me lembro que eles iam sempre juntos à reunião de pais. Mas esta era a primeira a que iam desde todo aquele drama da mudança do pai, e isso era o que eu mais temia.

— Estou lá às 16 horas em ponto, está bem, querido? — gritou a mãe da janela aberta do carro, quando

me deixou na escola na manhã seguinte. Eu certificava-me sempre que ela parava a três ruas de distância da entrada de Vale Gate High.

— O pai sempre vem?

A mãe revirou os olhos e soltou um suspiro pesado.

— Infelizmente — murmurou baixinho, com a palavra a enrolar-se nos lábios.

— Tu não tens de vir, sabes? — afirmei, tentando parecer descontraído, como se isso não fosse nada de especial.

— Queres dizer que queres que o teu pai lá esteja e eu não?

— NÃO! — respondi, um bocadinho alto demais. Conseguia ver as lágrimas nos olhos dela, o azul a brilhar como um lago. Ela era uma atriz em crescimento, no tempo dela, e gosta de *drama* desde então. O seu maior sucesso foi interpretar o terceiro membro do elenco da esquerda, numa pequena produção de *Grease*. Há um quadro do espetáculo, com a mãe desfocada lá ao fundo, pendurado junto à porta da rua. Diz que é uma boa recordação, que deve ser celebrada — o pai diz que ela só quer que qualquer pessoa que vá lá a casa o veja e faça perguntas.

— O que eu quero dizer é qualquer um de vocês. Mais pais nenhuns vão lá estar. Vai ser só uma enorme perda de tempo.

Costumo olhar para o chão quando minto, que era para onde estava a olhar quando disse isto.

— Não sejas tolo — replicou a mãe, as lágrimas já esquecidas. O humor dela por estes dias mudava como o clima, ia do sol mais radiante ao céu chuvoso mais cinzento num ápice. — Vou lá estar de corpo e alma para ouvir todas as coisas fantásticas que fizeste este ano. Mal posso esperar!

— Também eu — murmurei entre dentes.

— Até mais logo, meu querido! — gritou a mãe. — E, por favor, não arrastes os pés. É péssimo para a tua postura!

A minha postura, para ser franco, era o menor dos meus problemas.

Vale Gate High é uma mistura de edifícios antigos e novos, amontoados, que compõem a única escola do segundo e terceiro ciclo nas redondezas. As partes mais antigas estão encostadas às novas para se suportarem e parece que um vento forte fará tudo cair. Todos os miúdos da nossa cidade frequentam Vale Gate High. Bem, a menos que apreciem a hora que leva a chegar à Academy.

Assim que atravessamos o bloco de Ciências da nossa escola e chegamos ao recreio lá fora, vemos isso — uma misturada de miúdos, onde é raro haver dois sequer parecidos. Há os estudantes que decoraram os seus blazers da escola com *pins* suficientes para esconder o tecido por baixo; aqueles que tentam quebrar o código de vestuário rígido e juntam uma pitada de cor ao seu fardamento, casacos e camisolas com capuz

e cachecóis; os miúdos altos, os baixos, os que parece que deixaram mesmo de crescer; aqueles que andam como zombies em direção à próxima aula, enquanto outros correm. Como qualquer outra escola, entrar em Vale Gate High é como ter entrada gratuita no jardim zoológico, e nunca sabemos ao certo o que vamos ver nesse dia.

Ia eu a meio do recreio, a caminho do meu cacifo, quando o Kyle-Homem-das-Cavernas, que estava a olhar na direção oposta, veio de encontro a mim. Caí para trás, tentando logo ver se havia algum professor nas proximidades, para o caso de a coisa dar para o torto. Mas o Kyle-Homem-das-Cavernas estava demasiado ocupado a segurar sobre a cabeça um cartão de estudante, rindo com pura maldade, enquanto o miúdo a quem ele o tirou saltava a tentar alcançá-lo.

Já agora, o Kyle não sabe que o trato por Homem-das-Cavernas. Na verdade, ninguém além do Seb e da Bell sabe da alcunha e isso é só porque eles a usam também. A razão pela qual o Kyle não sabe que o chamamos assim é porque lhe chamamos isso nas costas dele. Aprendi com a minha mãe. Ela está sempre a falar da Sra. Fielder, do número 11, e do Prof. Quarterman, do número 7. Ovi-a dizer à mãe do Seb — que se chama Sabine — que a Sra. Fielder e o Prof. Quarterman são amigos, o que parece ser um escândalo para a mãe, se tivermos em conta o sorriso de troça que ela fez e as sobrancelhas levantadas que tinha. No entanto, ela

não diz à Sra. Fielder e ao Prof. Quarterman que sabe que eles são amigos. Só sorri e acena quando os vê juntos, depois vai direta a casa, pega no telefone com uma mão, segura num copo de vinho com a outra, e liga à Sabine.

Seja como for, o Kyle é o miúdo mais popular do 6.º ano, por razões que não consigo perceber, porque ele não é assim tão simpático nem tão divertido quanto isso. Foi o primeiro a ter um pelo no queixo e uma vez disseram-me que tinha três no peito, mas isso era só um boato. Acho que é por isso que ele está no topo da hierarquia do 6.º ano. Eu e o Seb estamos perigosamente perto da base, mas ter a Bell do nosso lado elevou um bocadinho a nossa posição.

Enquanto rezava aos céus para que o miúdo do cartão de estudante desistisse e fosse pedir um novo a um dos professores, esquivei-me do Kyle e misturei-me com um grupo de miúdos das aulas de Expressão Dramática que ia a passar. Quando cheguei ao meu cacifo, a Bell e o Seb já lá estavam, demasiado concentrados numa discussão sobre um videojogo para que pudessem reparar que eu tinha chegado.

O Seb é baixinho e leve, e está sempre a empurrar os óculos para cima, para não lhe caírem da cara. O seu maxilar é um pouco saliente, mas acho que é porque ele costuma cerrar os dentes quando está a fazer quase tudo. Ele é o mais baixo, mas é o mais velho e, de longe, o mais sábio de todos nós. Às vezes sinto que sou

amigo de uma enciclopédia andante que não se cala. Mas ele nunca se gaba disso. A não ser que queira ganhar uma discussão com a Bell.

Conhecemo-nos quando éramos pequenos e, mesmo nessa altura, o Seb era mais baixo do que eu. As nossas mães levavam-nos ao mesmo grupo de brincadeiras, punham-nos um ao lado do outro e tornaram-se amigas rapidamente, por isso teria sido estranho se não nos tivéssemos tornado melhores amigos também. Eu ainda não tinha começado a falar naquela altura e a Dra. Sammy sugeriu que convivesse com outros miúdos. Acho que se pode dizer que o Seb foi muito importante para que eu começasse, finalmente, a falar, quando mais não seja porque ele nunca se calava. Fala muito quando fica nervoso, o que é quase a toda a hora, e é algo que herdou da mãe dele. Ele fala muito quando está feliz ou quando está triste, quando fica envergonhado ou zangado, ou confuso. E quando a boca dele não está a falar, os olhos falam por ela, como se fossem um jogo de *flippers* que nunca para. Às vezes esconde-se atrás da franja de cabelo cor de areia, que lhe cobre os olhos, quando fica encavacado.

Depois há a Bell. É mais alta do que nós os dois e quase que parece que podíamos ser irmãos, por causa da nossa pele castanha e bochechas rechonchudas. Ela tem uma pequena cicatriz por cima do olho esquerdo, de um cor-de-rosa pálido que lhe atravessa a sobrancelha. Só dá para ver quando estamos perto dela. Diz que

não se lembra de como a fez, o que deve querer dizer que deve ter vergonha disso.

O Seb e eu conhecemos a Bell no salão de jogos há dois verões. Ela gritava furiosamente a um dos ecrãs, enquanto disparava contra alienígenas invasores, o cabelo dela preso para que não a atrapalhasse. Ficámos admirados a observá-la, enquanto passava aquele nível e o seguinte, e mais um depois desse, e os olhos dela — habitualmente calmos —, estavam sérios e cheios de fúria. Houve uma altura, quando ela se aproximava do recorde máximo, em que ficou sem vidas, o ecrã a disparar a contagem decrescente, e em que gritou:

— Não tenho mais moedas!

Ela arquejava ao ver os segundos a fugir, juntamente com a oportunidade de escrever o seu nome na história da máquina de jogo. Vasculhei rapidamente os bolsos e tirei a minha última moeda, enfiando-a na máquina mesmo a tempo. A Bell sorriu e deu-me um mais cinco rápido, antes de dedicar a atenção ao jogo. Quando terminou, batera o recorde em dobro e a nossa amizade confirmava-se.

Ela é a líder natural do nosso pequeno trio, confiante e destemida, sarcástica, mas bondosa. Se o Seb é aquele que se passa, a Bell é aquela que nos acalma a todos. Também é muito competitiva e notável em praticamente qualquer videogame que tenha sido inventado, e era sobre isso que o Seb e a Bell discutiam quando eu cheguei.

— Só estou a dizer que é uma desvantagem injusta, quando tu não tens a tua mãe a listar os perigos dos telemóveis e a lembrar-te de que estar na rua depois das 18 horas aumenta as possibilidades de apanhares uma gripe de verão — comentou o Seb, aborrecido.

A Bell escarneceu.

— Tive o Jack aos gritos no quarto ao lado o tempo todo enquanto estávamos a jogar, isso não é desculpa.

O irmão bebé da Bell chegara há menos de três meses. Antes de ele nascer, íamos a casa dela a toda a hora. Agora, a Bell quer sair de casa a qualquer custo — parece que o Jack está a tentar bater o recorde do choro mais alto, e ela detesta isso.

— Ganhei-te de forma justa, tal como todas as outras vezes. Começo a achar que te consigo vencer só com uma mão no comando.

O Seb estava a ter dificuldades em tornar o seu gaguejar numa frase que fizesse sentido, mesmo depois de já terem tido esta discussão um milhão de vezes antes. Olhou furiosamente para ela, a boca a abrir e a fechar como se fosse um peixe fora de água. Eu sabia reconhecer um pedido de ajuda quando o via.

— Então? — disse eu, abrindo o cacifo e atirando alguns dos meus livros mais pesados lá para dentro.

— O Seb tem mau perder, mas e novidades? — sorriu a Bell, presunçosa, para o Seb, enquanto ele se encostava aos cacifos, claramente exausto.

— A noite foi longa? — Dei uma cotovelada ao Seb, que parecia que ia adormecer em pé, e puxei-o com carinho em direção à assembleia de turma. A Bell esqueceu a discussão e encostou-se a ele do outro lado. Estávamos basicamente a carregá-lo através das portas e pelo recreio.

— Cheguei ao primeiro lugar e levei com uma cacetada na cabeça dois segundos depois. Uma noite inteira de trabalho perdido, tudo destruído — murmurou ele. Mal levantava os pés enquanto atravessávamos a multidão de alunos, nenhum deles com pressa de chegar onde era suposto ir. — Não estou cansado, só estou destroçado.

— Quantas vezes tenho de te dizer para guardares o jogo à medida que vais jogando? — juntou-se a Bell à conversa.

A sua gabarolice durou pouco, pois um aluno do 8.º ano passou por nós disparado, empurrando-me, e ao Seb, um para cada lado.

— Ei! Vê por onde andas! — protestou a Bell.

A discussão sobre a noite anterior continuou enquanto nos púnhamos na fila à porta da nossa sala de aula, mas eu estava demasiado ocupado a pensar no telefonema da Dra. Sammy para notar. Pasmado, levei um bocado a perceber que a conversa entre o Seb e a Bell tinha parado.

— A noite foi longa? — imitou o Seb, confirmando que eu parecia tão cansado como me sentia.

— Podes crer — murmurei, ignorando o sarcasmo.  
— Olá, Archie!

Corei ao ver a Amber aparecer, acenando com entusiasmo na minha direção, enquanto se juntava ao fim da fila. Tentei dizer alguma coisa, qualquer coisa, que não fizesse parecer que não compreendia como se usavam as palavras. Em vez disso, um grito atabalhoado saiu da minha boca, o que fez com que um dos amigos da Amber risse à gargalhada. A Bell revirou os olhos e tentou esconder-me.

— Eu sei que não podes ter ficado em primeiro antes de mim — afirmou ela, tentando levar-nos de volta à mesma conversa, enquanto entrávamos na sala. — Já te vi jogar, seria muita sorte se chegasses ao quinto lugar.

Sentámo-nos em três cadeiras alinhadas numa mesa ao fundo da sala.

— Entãoooo... o que é que se passa?

Costumo contar tudo ao Seb e à Bell, mesmo *tudo*. Eles são os únicos que sabem *verdadeiramente* o que se passou com o *Dipsy*, o hamster da família, há dois verões, e nunca disseram a ninguém que eu, uma vez, tive três em cem, num teste de Matemática. Eu gostava de poder dizer que aquela nota resultou da minha falta de esforço. Infelizmente, eu pensei que me tinha esforçado bastante naquele dia.

— Não sei bem — respondi lentamente, pensando qual a melhor forma de explicar que tinha a certeza de que algo de errado se passava, mas não tinha provas

que o comprovassem. — As coisas estão um bocado estranhas.

— Um cinco? — perguntou o Seb.

Nós os três temos um código simples para avaliar quão mau é um problema. Um é o menos mau, óbvio. Cinco é mediano. Não temos um dez há algum tempo.

— Um cinco — confirmei. Considerando que eu ainda não sabia qual era o problema, achei melhor não me precipitar.

Expliquei-lhes rapidamente o telefonema da Dra. Sammy, enquanto a Prof.<sup>a</sup> Greene entrava cheia de pressa na sala, a ditar o sumário ainda antes de se sentar à secretária.

— Hum — murmurou a Bell, pensativa, quando terminei.

Semicerrou os olhos. Adora um mistério por resolver e há pouco tempo ganhou um fascínio por livros sobre crimes horrendos, que me reviram o estômago só de pensar.

— Isso é estranho — declarou.

— Muito — concordou o Seb. — Já perguntaste à tua mãe sobre o que era o telefonema?

Acenei em negação.

— Não sei se quero ouvir a resposta.

— Bem, talvez seja melhor começares por aí e veres o que ela diz — sussurrou a Bell, enquanto a Prof.<sup>a</sup> Greene nos mandava um daqueles seus olhares de advertência.

— Tenho a certeza de que não é nada de preocupante — acrescentou o Seb, embora a cara dele dissesse o contrário.

Conhecendo-o, ele já imaginara uma centena de piores cenários possíveis de acontecer. Mas acho que nem ele podia adivinhar o que de facto se passava.

# UMA AVENTURA DOCE E IMPERDÍVEL, ESCRITA COM HUMOR E SALPICADA COM TODAS AS CORES DO ARCO-ÍRIS.

Os pais do Archie vão separar-se. Ele fica triste, claro, mas o que mais o aborrece é a sensação de que eles lhe estão a esconder alguma coisa. E isso confirma-se quando ouve uma discussão e descobre que o pai é gay.

Passada a confusão inicial, ele mostra-se determinado a mostrar ao pai que o apoia incondicionalmente! Por isso, ao apanhar um folheto colorido que cai do bolso dele, o Archie decide levar avante um plano secreto: surpreender o pai em Londres na Marcha do Orgulho e mostrar-lhe que o ama acima de tudo, sem reservas nem preconceitos.

*Nesta viagem emocionante, acompanhamos o Archie, e alguns amigos inesperados que ele encontra pelo caminho, num tributo ao amor, à bondade e à amizade. Habilmente, o autor leva-nos a refletir sobre relações familiares, tolerância, inclusão e identidade.*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinkidspt

10+

ISBN 9789896238506



9 789896 238506 >